

## DISCURSO MUSEOLÓGICO EM EXPOSIÇÃO SOBRE A DENGUE

Felipe Costa Lemos; Helaine Sivini Ferreira

(UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (SEDE), [felipecostalemos@gmail.com](mailto:felipecostalemos@gmail.com))  
(UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (SEDE), [hsivini@terra.com.br](mailto:hsivini@terra.com.br))

**Resumo:** Esta pesquisa trata de uma análise do discurso museológico da exposição “Aedes: que mosquito é esse?” que atualmente se encontra aberta ao público no Espaço Ciência em Olinda-PE. A Fundação Oswaldo Cruz organizou essa mostra reunindo informações em um universo multimídia e interativo com o objetivo de superar o discurso tradicional presente nas campanhas educativas. Buscamos realizar uma caracterização voltada ao levantamento do perfil do mediador e do visitante, da análise das etapas da exposição, e dos textos e objetos lá disponíveis. A partir da análise realizada, concluímos que o discurso científico prevalece em relação a um discurso educativo e social. Com relação ao acesso ao objeto encontramos equilíbrio entre momentos contemplativos e manipulativos na exposição. Há uma diversidade de gêneros textuais, mas a linguagem é predominantemente científica, com pouco uso de uma linguagem coloquial. Por fim, com relação ao discurso dos textos, de forma geral observamos predominância do discurso autoritário em detrimento do polêmico.

**Palavras-chave:** exposição; Dengue; discurso museológico.

### INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o tipo de discurso seja a partir da fala e ações do monitor ou dos objetos e textos disponíveis dentro de uma exposição em espaços não formais vêm se diversificando. Aquela ideia de exposição formada apenas por obras antigas em museus dos diversos tipos tem dado espaço para ferramentas multimídia que buscam cada vez mais atrair e interagir com os diferentes tipos de público que visitam esses espaços.

Sobre a forma com a qual o conteúdo científico é trabalhado nesses espaços, Loureiro (2007) aponta que na qualidade de “aparato informacional”, o museu tem a propriedade de - por meio de suas exposições - tornar visíveis realidades dispersas no tempo e/ou no espaço e, portanto, naturalmente invisíveis. Ideias e conceitos como “espécie”, “gênero” e “família”, por exemplo, não são visíveis a não ser através da reunião artificial de espécimes vivos ou de seus “fragmentos”, naturalmente dispersos.

Já as exposições nesses museus devem ser apresentadas de forma que os visitantes possam se comunicar com o objeto e não apenas se contentar em contemplá-los. Para isto, o contato interpessoal, com apresentadores, cientistas ou os guardas é o recurso mais seguro. ‘O museu deve ser interativo e vivo’. E para que ele ‘seja vivo e integrado a uma pedagogia ativa’, é necessário ‘poder tocar e dialogar’ (MARANDINO, 2012, p. 29).

Neste trabalho selecionamos para estudo uma exposição sobre a Dengue, desenvolvida pela Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, tendo como curador o biólogo Miguel de Oliveira, e inaugurada em 2014. O curador e demais idealizadores da exposição defendem que a utilização de recursos lúdicos e interativos associados a informações cientificamente corretas e elementos expográficos criam possibilidades de extrapolar o discurso tradicional utilizado nas campanhas educativas e pode contribuir para que as pessoas, de fato, compreendam a dinâmica da doença e possam atuar efetivamente na sua prevenção. Além disso, esses ricos espaços de discussão podem fomentar a pesquisa e gerar novas iniciativas que possibilitem ações compartilhadas entre população, governos e comunidade acadêmica.

Acreditamos que a proposição da exposição se alinha com a perspectiva defendida por Cordeiro (2008), de que a luta contra o avanço e o controle das doenças infecciosas endemo-epidêmicas, transmitidas por vetores como a Dengue, exigem políticas de saúde específicas e estratégias de atuação complexas e intersetoriais, e que uma das formas de tentar minimizar a reprodução dos mosquitos *Aedes Aegypti*, diz respeito à conscientização da população através de campanhas e ações educativas, realizadas na mídia, nas escolas e em outros espaços de visitação pública, como praças, shopping e museus.

Assim, nos propomos a analisar a exposição “Aedes: que mosquito é esse?”, que é uma versão renovada da exposição lançada em 2014 pela FIOCRUZ e que está atualmente exposta no museu interativo, Espaço Ciência em Olinda-PE, com o intuito de caracterizar o discurso museológico que perpassa a exposição e refletir até que ponto este se alinha com a perspectiva das campanhas e ações educativas para a conscientização da população.

## **A ANÁLISE DO DISCURSO MUSEOLÓGICO**

Dentro de exposições museais a palavra discurso engloba não somente a fala do mediador, mas também a forma com que textos e demais objetos dispostos dentro de uma exposição se comunicam com o sujeito visitante. Nesses espaços, para entender como sujeito compreende o conteúdo, é importante entender o discurso de cada parte da exposição, já que, ao planejar cada uma delas, houve intenção de comunicar algo. Partindo disso, é possível

analisar o discurso que ocorre dentro dos museus, seja a partir: da mensagem transmitida pelo mediador, pelas ações desenvolvidas dentro da exposição, dos objetos ali apresentados e pelo discurso dos textos lá presentes.

Com relação ao discurso, Souza (2011) defende que é possível fazer uma análise de toda situação em que há palavras sendo ditas, oralmente ou por escrito, ou até mesmo por meio de formas não verbais de linguagem. Em todas essas práticas de linguagem, há discurso, ou seja, efeito de sentido entre interlocutores. Isso se estende às situações em que se lê um livro, assiste-se a um filme ou um espetáculo teatral, escuta-se uma música popular ou erudita. O que se interpõe entre o indivíduo e essas diferentes modalidades de linguagem é discurso, isto é, o regime simbólico em que um simples ruído ou uma simples imagem produz sentido e, por isso mesmo, demanda interpretação.

Para Orlandi (1987), uma vez que se pretende analisar o discurso, é necessário o estabelecimento de uma, ou várias, tipologia(s), que funcionam como um princípio organizador e possibilita generalizar características, agrupar propriedades e distinguir classes. No caso da nossa pesquisa será utilizado o termo “discurso museológico” que contará com análises voltadas ao mediador, aos objetos e aos textos dispostos na exposição.

No que diz respeito à função da exposição de acordo com as ações propostas, segundo Bruno (1996) e Marandino (2001a) podem ser levantadas categorias de cunho: (a) *científico* (coleta sistemática, identificação, conservação, categorização, etc.); (b) *educativo* (aprimoramento intelectual, cultural, ideológico e promover ao público a reflexão de sua realidade); e c) *social* (herança/patrimônio e cumprimento da cidadania).

Outro tipo possível de classificação, segundo Pereira e Valle (2018), diz respeito aos objetos de acordo com o tipo de acesso ao acervo que a exposição permite ao visitante, sendo estes de *contemplação* ou *manipulação*. Segundo Nascimento (1998), *os objetos de contemplação* enfatizam a observação e requerem padrões de comportamento para a apreciação do acervo. Quanto aos *objetos de manipulação*, Marandino (2001a) afirma que estes são caracterizados pela possibilidade de contato físico, que vai desde apertar botões à execução e acompanhamento de experimentos.

Por último, os textos disponíveis na exposição também podem ser organizados de duas maneiras. A primeira, classifica-os de acordo com o gênero textual. Marcushi (2003) define o gênero textual como “os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que

apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSHI, 2003, p. 23). Assim, é realizada uma análise quanto à formatação e linguagem utilizadas.

Já a segunda maneira de classificar os textos, proposta por Orlandi (1987), segue critérios de tipologia do discurso: o modo como os interlocutores se consideram e a possibilidade de reversibilidade; e a relação dos interlocutores com o objeto do discurso. Quando se pensa no segundo critério, a polissemia é apresentada, com a multiplicidade de sentidos que podem ser atribuídos ao discurso, contrária à paráfrase, em que um único sentido permanece. Essa segunda maneira pode ser usada para classificar o discurso presente nos textos como *lúdico*, *polêmico* e *autoritário* de acordo com a sua relação com a paráfrase e polissemia já descritas anteriormente.

Dentro do espaço museal, o *discurso lúdico* do mediador é aquele no qual ocorre a troca de informações entre mediador e visitante, com diálogo aberto, tornando possível uma *repetição histórica* e deslocamento de sentidos. Já no *discurso polêmico* há um controle da polissemia causado por um diálogo limitado voltado a *repetição empírica* ou *formal*. E por último, o *discurso autoritário* é aquele em que quase não há abertura ao diálogo e sim, *repetição empírica* e contenção da polissemia.

A polissemia e a paráfrase são processos que apresentam uma tensão. De um lado, a paráfrase retorna a um mesmo dizer sedimentado, de outro, a polissemia configura uma busca pelo rompimento do dizer. Nessa perspectiva, o discurso lúdico é polissêmico, pois apresenta uma multiplicidade de sentidos; já o autoritário é caracterizado pela paráfrase, com a permanência de um sentido único em diferentes formas; e o discurso polêmico traz consigo a alternância constante entre a polissemia e a paráfrase (ORLANDI, 1987).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa aqui descrita foi realizada no Espaço Ciência localizado em Olinda-PE. O Espaço Ciência é um grande museu de ciência, a céu aberto no Brasil. Construído em uma área de 120 mil metros quadrados, abriga um manguezal de 19 mil m<sup>2</sup>, preservado. Possui em sua estrutura: prédio para recepção; pátio de entrada, um pavilhão que abriga exposições permanentes e temporárias; um anfiteatro; um laboratório externo de Eletromecânica, instalado ao lado de um planetário e um prédio que concentra três salões com exposições e uma área destinada a concentração do pessoal responsável pela mediação e organização do

museu. Além disso, ele dispõe de um observatório astronômico, no Alto da Sé, em Olinda-PE, que recebe mais 50 mil visitantes por ano, cujas observações contribuem para construir com a população conceitos significativos sobre a dinâmica celeste.

Dentro desse espaço museu foi escolhido para a análise do discurso museológico, a exposição: “Aedes: que mosquito é esse?” dirigida a todos os públicos. Essa exposição que tem como tema principal o mosquito transmissor da Dengue, Zika e Chikungunya foi inaugurada em 12 de junho do presente ano, em uma iniciativa do Museu da Vida da Fiocruz, em parceria com a farmacêutica Sanofi e apoio da Rede Dengue, Zika e Chikungunya da Fundação, que coordena diversas ações integradas para o controle do Aedes na instituição. A exposição “Aedes: que mosquito é esse?” é uma reestruturação da Exposição Dengue lançada em 2013.

Aprender sobre a biologia do *Aedes aegypti*, identificar os focos do mosquito e distinguir os sintomas da Zika, Dengue e Chikungunya, são alguns dos conhecimentos que podem ser adquiridos com a exposição que conta com diversas atividades à disposição do público.

A caracterização do discurso museológico foi realizada, inicialmente, a partir de uma coleta de dados buscando a compreensão do perfil dos monitores e grupos visitantes desta exposição, e da descrição dos momentos, objetos e textos observados na sua estrutura. Em seguida realizamos a análise dos dados buscando a caracterização do discurso museológico que perpassa a exposição “Aedes: Que mosquito é esse?”, a partir dos elementos presentes no Quadro 1, apresentado a seguir.

**Quadro 1:** Caracterização do discurso museológico considerando X e Y. Acho que seria interessante indicar as referências dos autores que pontuam esses elementos de análise

<b>Caráter das ações/momentos da exposição</b>	<b>Científico, educativo ou social</b>
<b>Tipo de acesso do objeto</b>	Contemplação ou manipulação
<b>Gênero textual</b>	Meio de apresentação do texto: placas de orientação, etiquetas de identificação, placas informativas, quadros, etc;  Característica física do texto: fonte e tamanho;  Linguagem: Científica, culta e/ou coloquial.

<b>Tipo de discurso do texto</b>	Lúdico, polêmico, pedagógico, institucional ou autoritário.
----------------------------------	---

Fonte: Orlandi (1987), Marcushi (2003), Bruno (1996) e Marandino (2001a)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados estão apresentados em três tópicos: descrição da estrutura física da exposição, descrição do perfil do monitor e dos visitantes desse espaço e análise do discurso museológico.

### 1. Descrição da estrutura física da exposição

A exposição “Aedes: que mosquito é esse?” foi organizada em quatro etapas que serão brevemente apresentadas a seguir:

1ª etapa - Apresentação do tema e investigação dos conhecimentos prévios dos visitantes: o mediador recebe o grupo escolar na frente de uma estrutura formada por um painel com informações iniciais sobre o *Aedes Aegypti*, por uma caixinha fechada de vidro onde há um mosquito de trinta milhões de anos fossilizado em âmbar que pode ser analisado com a ajuda de uma lupa acoplada, e um painel interativo digital no qual podem ser encontradas várias informações sobre sintomas das doenças causadas pelo vírus, cuidados com pessoas infectadas, entre outros temas diversos relacionados à doença ou ao mosquito.

Por trás dessa estrutura, são dispostos vários outros painéis interativos do mesmo tipo, que possibilitam a aquisição de informações a partir de textos e figuras, bem como através de pequenos documentários e vídeos educativos sobre a temática.

2ª etapa – Nesta etapa temos a apresentação dos tipos de vírus, a maturação dos ovos e um modelo de um mosquito gigante. A partir de algumas peças dispostas sobre uma mesa que buscam representar o interior do mosquito há a possibilidade de se discutir sobre como ocorre a maturação dos ovos no mosquito fêmea. A partir da modelo gigante do mosquito, há a possibilidade de trabalhar características morfológicas do mosquito que podem diferenciá-los das outras espécies.

Nessa área da exposição também há uma caixa de vidro contendo substâncias/produtos utilizados para o diagnóstico sorológico da Dengue, e estruturas materiais que representam os

vírus causadores da Dengue, Zika, Chikungunya e febre amarela, neste caso, os tipos de vírus também estão sinalizados em Braile.

3ª etapa – Denominada de Quintal Interativo, possibilita que os visitantes participem de uma brincadeira na qual eles terão que identificar por meio de um aplicativo de celular, locais específicos no ambiente que podem contribuir para a proliferação do inseto. Ao apontar a câmera do celular para as plaquinhas com o nome do local (pneus, vasos, pia, caixa d’água ou garrafas), pode ser identificado na tela do celular se aqueles locais podem ou não contribuir para a reprodução dos mosquitos.

Ainda nessa parte da exposição são disponibilizados óculos com realidade aumentada, no qual o visitante sentado em uma cadeira poderá acompanhar o mosquito até possíveis focos, e interagir com aquela realidade, assinalando a área a qual se refere o foco. Além disso, são disponibilizados dois jogos para investigar partes da casa que podem ser usadas para a desova pela fêmea do *Aedes*.

Ainda nessa etapa da exposição há uma mesa com objetos utilizados para a coleta do mosquito, microscópios e placas informativas que ficam disponíveis para que os visitantes observem algumas amostras contendo etapas do desenvolvimento dos mosquitos.

4ª etapa - Na última etapa, o grupo visitante é levado até outra área da exposição, que pode ser descrita como um mini anfiteatro, onde há a reprodução de vídeos com documentários e curtas que apresentam, por exemplo, todo o percurso do mosquito desde a reprodução e desova em locais próximos a água parada, até o seu nascimento, desenvolvimento e reinício do ciclo reprodutivo.

Além desses objetos disponíveis nessas quatro etapas, há perto da entrada da exposição um painel interativo onde o visitante pode responder um “Quiz da Dengue” com mais de 15 questões voltadas a vários temas trabalhados ao longo da exposição.

## **2. O perfil do monitor e do público visitante**

Com o intuito de compreender o perfil dos monitores e do público visitante realizamos uma entrevista com três monitores da exposição “Aedes: Que mosquito é esse?”. Dentro da mostra, pelo menos cinco monitores foram formados para atuar diretamente na mediação com o público, e outros três passam pela mesma formação, mas tem a função de auxiliar aqueles primeiros no caso dos grupos escolares com mais de quinze estudantes.

Esses monitores são estudantes dos cursos de graduação em Ciências Biológicas da UFRPE ou UFPE, que estão perto da metade do curso, e normalmente atuam no Espaço Ciência em um período entre quatro e doze meses. Para atuar na exposição “Aedes: Que mosquito é esse?” eles passaram por uma formação de uma semana com funcionários da Fiocruz voltada à abordagem do conteúdo científico da exposição, sobre o percurso a ser seguido durante a mediação e o uso correto dos objetos lá disponíveis.

Segundo os monitores, o perfil do visitante varia de acordo com a época do ano. Durante o período letivo, a maior parte das visitas é realizada por grupos escolares de todos os níveis, formada por estudantes acompanhados por um ou mais funcionários da escola, em menor quantidade há grupos formados por famílias ou indivíduos avulsos que vão até a mostra nos finais de semana. Já nas férias, a mostra recebe apenas o público avulso em grande número, durante esse período a função dos monitores é direcionada para a manutenção da ordem dentro do espaço e eventualmente tirar dúvidas dos visitantes.

Sobre as diferenças da mediação com grupos escolares de diferentes níveis e visitantes avulsos, foi relatado que normalmente são trabalhadas todas as etapas da exposição com estudantes do Ensino fundamental (em particular os jogos). Já com aqueles do Ensino médio é trabalhada a parte mais específica da mostra, voltada às espécies do gênero *Aedes* e as particularidades das doenças causadas pelo *Aedes Aegypti*.

Com relação aos grupos avulsos, os monitores colocam que, estes normalmente ficam no local da exposição por um curto espaço de tempo, sem fazer muitas perguntas, e com o objetivo maior de conhecer a parte física da exposição, responder os jogos, assistir vídeos e eventualmente questionam os monitores sobre ações para o combate ao vírus.

### **3. Análise do discurso museológico**

#### Caracterização das ações/momentos da exposição

A partir da análise voltada ao discurso presente nos momentos da exposição, foi possível observar todos os tipos de discurso ao longo das quatro etapas.

Na primeira etapa da exposição e no “Quiz da Dengue” todos os objetos buscaram apresentar ao visitante os tipos de mosquito do gênero *Aedes*, sintomas das doenças causadas pelo *Aedes Aegypti*, imagens do vírus da Dengue, Zika e Chikungunya, e demais informações de caráter conceitual. No caso do Quiz a maior parte das perguntas possui uma perspectiva de discurso científico.

Já na segunda etapa da exposição, a partir dos objetos disponíveis, foi observado um discurso científico voltado para informações sobre maturação dos ovos, partes do mosquito, tipos de vírus e substâncias utilizadas para diagnosticar as doenças transmitidas por ele.

Na terceira etapa Quintal Interativo e jogos, foi observado um discurso educativo e social, já que ao reconhecer locais de reprodução do mosquito, o visitante poderá tanto refletir sobre o meio em que vive, quanto poderá atuar de forma cidadã ao denunciar focos de proliferação do inseto na sua vizinhança ou cidade onde vive. No caso das amostras apresentadas para observação via microscópio, é observado um discurso científico de identificação.

Por fim, na quarta etapa, a partir dos vídeos apresentados foi possível identificar discurso científico, quando eram revisados conhecimentos trabalhados em outras etapas da exposição, e também um discurso educativo e social, quando ao reconhecer possíveis locais de reprodução dos mosquitos, o visitante poderia refletir sobre o meio em que vive e conhecer realidades de cidades brasileiras que são vítimas do maior número de casos de contágio pelos vírus transmitidos pelo *Aedes Aegypti*.

#### Caracterização dos objetos da exposição

Quando ao tipo de acesso ao objeto foi possível observar que na Etapa 1 as placas/painéis informativos são para contemplação, enquanto a lupa e os painéis interativos digitais tratam da manipulação.

Já na segunda etapa, ocorrem novamente as duas formas de acesso já que o visitante pode manipular as peças que representam o interior do mosquito e tentar entender as palavras escritas em braile sobre a mesa, bem como manipular as partes da estrutura gigante do mosquito e contemplar pelo monitor a morfologia do mosquito. Além disso, nessa etapa é possível contemplar as substâncias utilizadas para o diagnóstico da Dengue e manipular as estruturas que representam os vírus.

Na terceira etapa, nos jogos que utilizam celulares, óculos com realidade aumentada e tablets, foi identificado um acesso ao objeto, de manipulação, assim como na parte onde são usados microscópios para observar partes do mosquito.

Na quarta e última etapa, ao contrário da terceira, é observada apenas a contemplação, já que o objetivo é que os visitantes fiquem sentados assistindo a vídeos. Já no “Quiz da Dengue” que fica na entrada da exposição, é possível observar a manipulação, visto que o visitante pode jogar todo o Quiz da forma que preferir.

### Caracterização do gênero textual

A partir de uma análise de todos os textos da exposição “Aedes: Que mosquito é esse?” foi possível observar os seguintes gêneros textuais:

- Placas de orientação: foi observada uma placa de orientação no início da exposição, direcionada ao uso de celulares e tablets para participar de brincadeiras, três placas sobre o uso de três jogos na Etapa 3 da exposição, e por último, uma placa em cada um dos quatro painéis interativos com informações sobre o quis e sobre as diversas temáticas voltadas ao *Aedes*.
- Etiquetas de identificação: há quatro etiquetas desse tipo perto dos microscópios para identificar as partes dos mosquitos que serão observadas, uma perto das substâncias utilizadas para o diagnóstico sorológico da Dengue e quatro perto das estruturas que representam os vírus transmitidos pelo mosquito.
- Placas informativas: São dispostas pelo menos oito placas informativas sobre a perigosa combinação de mosquitos com vírus; sobre os diferentes aspectos dos vírus causadores de Dengue, Zika e Chicungunya, sobre pesquisas voltadas ao desenvolvimento de vacinas contra essas doenças e sobre as medidas tomadas para o controle do mosquito e prevenção voltada ao contágio por essas doenças.
- Textos digitais: dentro da exposição estão dispostos painéis interativos nos quais podem ser identificados mais de quarenta slides com textos informativos sobre: as partes do *Aedes Aegypti*, características dos vírus causadores das arboviroses, sintomas dessas doenças, prova do laço, contagem de plaquetas, pandemias do século XXI, a Dengue nas Américas, entre outros; bem como o Quiz composto por perguntas de múltipla-escolha que tratam sobre todos esses temas citados nos textos digitais e nas demais placas.

Sobre as características físicas dos textos, as letras aparecem em diferentes tamanhos, pequenas nas etiquetas de identificação e médias e grandes nas demais placas e textos digitais. Sobre a linguagem utilizada foi observado um uso predominante de terminologias científicas, havendo uso de analogia e linguagem coloquial apenas nas placas de orientação, em algumas perguntas do Quiz e em placas informativas, como é o caso da primeira, quando se aborda o “Zumzumzum da questão” sobre o “mosquito da dengue”.

### Caracterização do discurso dos textos

Já sobre o discurso observado nos textos disponíveis na exposição, foi possível observar que as placas de orientação possuem discurso polêmico, já que há uma alternância entre polissemia e paráfrase. O autor desses textos faz uso da polissemia ao convidar o visitante a usar o celular e painel interativo para fazer suas próprias descobertas e interagir com o Quiz. Já as etiquetas de identificação possuem um discurso autoritário.

No caso das placas informativas, é possível notar um discurso predominantemente autoritário, embora, em alguns deles, haja uma tentativa de diálogo com o visitante em alguns dos parágrafos, nos demais há apenas um discurso no sentido de apresentar uma ideia já pronta com ausência de polissemia e reversibilidade, conforme colocado por Orlandi (1987)

Por último, nos textos digitais, embora o visitante possa escolher o que quer ler, há em sua maioria um discurso autoritário, com exceção de uma das imagens que lança ao leitor a pergunta: O que causa Dengue, Zika e Chikungunya? e o Quiz. Nesses dois casos, podemos observar um discurso polêmico, já que o leitor é considerado mesmo que apenas para escolher a alternativa correta entre as demais.

## **CONCLUSÃO**

Inicialmente é importante resgatar que o discurso museológico é composto por diversos elementos e não apenas a linguagem falada como se poderia pensar em um primeiro momento. O discurso deve ser compreendido como “efeito de sentido entre interlocutores”. Para avaliar o discurso museológico que perpassa a exposição “Aedes: que mosquito é esse?”, consideramos a descrição da sua estrutura física, o perfil dos monitores e do público visitante, e realizamos uma caracterização do discurso museológico, que compreende os momentos da exposição, o gênero textual e o tipo de discurso dos textos. É interessante observar que a exposição, quando foi proposta tinha como objetivo a utilização de recursos lúdicos e interativos associados a informações cientificamente corretas e elementos expográficos visando extrapolar o discurso tradicional utilizado nas campanhas educativas. Contudo, o que se observa é que nas quatro etapas de compõem a exposição, o discurso científico prevalece em relação a um discurso educativo e social. Com relação ao acesso ao objeto encontramos equilíbrio na exposição, uma vez que momentos de manipulação se alternam com momentos contemplativos. Há uma diversidade de gêneros textuais (textos digitais, placas informativas, etiquetas de orientação, entre outros), mas a linguagem é predominantemente científica, com pouco uso de uma linguagem mais coloquial. Por fim, com relação ao discurso dos textos, de forma geral observamos predominância do discurso autoritário em detrimento do polêmico.

Concluimos com a reflexão de a exposição ainda tem um viés que a aproxima do discurso tradicional das campanhas educativas e também do discurso escolar, contudo, ao estar inserida no contexto dos espaços não formais, se flexibiliza em função das mediações realizadas e também das expectativas do público visitante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, C. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 9, n. 9, p. 9-33, 1996. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/291>>. Acesso em: 28 set. 2017.

GOMES, I; CAZELLI, S. FORMAÇÃO DE MEDIADORES EM MUSEUS DE CIÊNCIA: SABERES E PRÁTICAS. In: **Revista Ensaio** | Belo Horizonte | v.18 | n. 1 | p. 23-46 | jan-abr | 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epec/2016nahead/1983-2117-epec-2016180102.pdf>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2016.

LOUREIRO, M.L.N. M. Fragmentos, modelos, imagens: processos de musealização nos domínios da ciência. Datagramazero – **Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 2, 2007. Disponível em <[http://www.dgz.org.br/abr07/F\\_I\\_art.htm](http://www.dgz.org.br/abr07/F_I_art.htm)> Acesso em: 17 de julho de 2018.

MARANDINO, M. A biologia nos museus de ciências: a questão dos textos em bioexposições. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 8, n. 2, p. 187-202, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132002000200004>>. Acesso em: 28 set. 2017.

MARANDINO, M. O conhecimento biológico nas exposições de museus de ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo. 2001. 443 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001a.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1998. cap. 1, p. 54.

PEREIRA, B. O; VALLE, M.G. O discurso museológico e suas tipologias em um museu de história natural. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 23, n. 4, p. 835-849, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v23n4/1516-7313-ciedu-23-04-0835.pdf>>. Acesso em: 01/08/2018.

SOUZA, P. **Análise de discurso**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Cap.1, p.11.